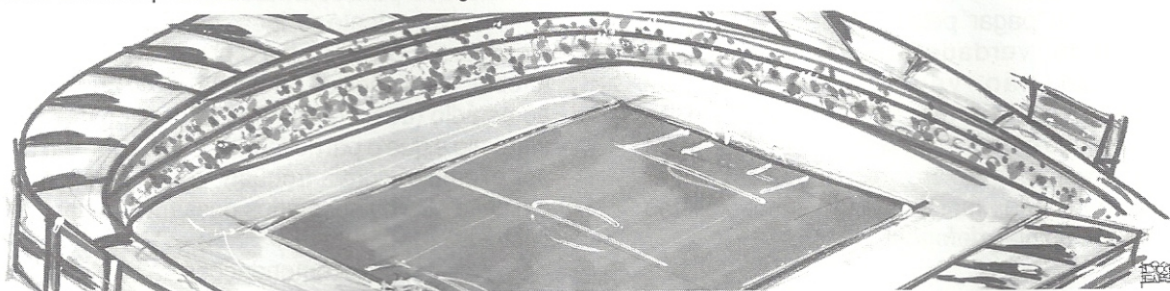


# AS RECOMENDAÇÕES DA FIFA E AS MUDANÇAS NOS ESTÁDIOS BRASILEIROS

Renan Durval Silva

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas



O Brasil vive a expectativa de sediar a Copa do Mundo de 2014 e Maceió pode ser uma das cidades sede. No projeto enviado à FIFA está prevista a construção de uma moderna arena esportiva: a Arena Zagallo.

Mas independentemente das cidades-sede, o Brasil terá que passar por um grande processo de adaptação (tanto nos estádios como nas cidades) aos padrões exigidos por um evento desta magnitude. Alguns estádios serão construídos e outros serão reformados e neste processo terão que ser seguidas legislações nacionais como o Estatuto do Torcedor, mas principalmente uma série de diretrizes estipuladas no documento de recomendações da FIFA<sup>1</sup> que tem o objetivo de orientar a construção e reforma de estádios para que estes possam se tornar aptos a sediar competições importantes como partidas de Copa do Mundo.

Este documento visa padronizar a estrutura física dos estádios em prol do controle das massas (já que o estádio é essencialmente uma edificação que promove eventos de multidão), da erradicação da violência e da inserção do estádio de futebol nos moldes do cosmopolitismo da contemporaneidade. Mas é, também, e talvez acima de tudo, em prol de interesses econômicos que visam uma arrecadação de recursos cada vez mais elevada por parte dos clubes e dos investidores devido ao aumento da importância dos esportes e especialmente do futebol, que movimenta, estimativamente, 250 bilhões de dólares por ano, na economia global.

A modernização dos estádios europeus, por exemplo, além de ter sido impulsionada por medidas de segurança foi por interesses comerciais. Tanto que os estádios particulares foram os primeiros a serem reformados devido à necessidade econômica de se obter sucesso fora de campo tanto quanto (ou até mais) dentro das quatro linhas.

As recomendações da FIFA parecem ser mais um produto (e talvez um dos mais importantes) de uma série de investidas em torno da modernização dos estádios no mundo principalmente depois da tragédia de Hillsborough<sup>2</sup>.

A melhoria da estrutura física dos estádios para que eles possam receber os usuários com melhor qualidade e segurança é a principal idéia que estrutura o documento da Federação Internacional de Futebol, mas esta melhoria, da forma como vem

sendo implementada e divulgada, pode trazer consigo uma faceta socialmente excludente.

O maior problema na hora de projetar um novo estádio ou de reformá-lo no Brasil, segundo o Arquiteto e especialista no assunto Eduardo de Castro Mello<sup>3</sup>, "é convencer os dirigentes e empresários a respeitarem as normas recomendadas sobre o espaço reservado a cada torcedor". Isso devido ao fato de, segundo Cruz (2005), "(...) os clubes (brasileiros) não serem empresas, mas estarem organizados ainda como associações de esportes privadas, controladas pelos sócios que pagam uma mensalidade ou anuidade."

Ou seja, os clubes brasileiros (na maioria dos casos) ainda não aderiram aos moldes de administração moderna (não de forma profissional), não percebendo, por exemplo, o que os clubes europeus já perceberam há muito tempo: que o marketing do clube, a marca, o que ele vende é tão importante quanto o rendimento dentro do campo para a sua sobrevivência. Desta forma, acaba deixando de incentivar parcerias com empresas privadas que acreditem na rentabilidade do investimento no clube, mas especificamente, neste caso, na construção e reforma de estádios.

Em entrevista ao site [Universiabrasil.net](http://Universiabrasil.net)<sup>4</sup> o Coordenador da Escola Superior do Esporte da Universidade São Marcos, José Luiz Portella defendeu que:

*"A iniciativa privada só constrói estádio por um motivo: ganhar dinheiro com ele depois para ressarcir o investimento e passar a ter lucro. Para isso, é preciso ter uma garantia de que naquele estádio em que aplicou o dinheiro vai jogar o clube tal, com tantos jogos por ano. O que não existe no futebol brasileiro".*

Alguns estádios que receberam os jogos da Copa do Mundo da Alemanha gastaram em média com cada lugar o equivalente a R\$ 12 mil. Segundo o arquiteto Eduardo Castro Mello, no Brasil o valor destinado a cada espectador é de aproximadamente R\$ 2,5 mil<sup>5</sup>.

Agora, reflitamos: se nos nossos estádios brasileiros é investida a quantia de R\$ 2,5 mil por cada lugar e temos, em alguns lugares, preços de ingressos incompatíveis com a realidade econômica

brasileira, qual seria o cenário com um gasto de R\$ 12 mil?

O grupo de empresários que se propõe a investir cerca de R\$ 166 milhões<sup>6</sup> na construção de um estádio vai querer o respectivo retorno financeiro. Retorno este, que dificilmente virá dos bolsos de um trabalhador que ganha um salário mínimo por mês. Com R\$ 380,00, o torcedor nunca, nem que ele fosse todos os dias ao estádio (e ele não teria dinheiro pra isso) conseguiria “pagar” pelo seu assento.

É bem verdade que o retorno do investimento não vem unicamente das arquibancadas, e talvez, esta seja a menor parte, na verdade (levando em consideração camarotes vip's e patrocinadores, por exemplo), mas deve ser considerado. Ainda mais quando especialistas formadores de opinião defendem que:

*O que acontece é que temos, sim, público com poder aquisitivo pra sustentar o futebol. Mas, hoje, quem vai é um outro público.*

**(Economista Antonio Afif, especialista em Marketing Esportivo)<sup>7</sup>**

*O povão já não vai a lugar nenhum há muito tempo. Quem fez a exclusão social não foi o Atlético. Boa parte dos que reclamam (dos preços dos ingressos que podem chegar a R\$ 50,00) são aqueles que depois de saírem do estádio saem pra beber e assaltar.*

**(Presidente do Clube Atlético Paranaense)<sup>8</sup>**

*(...) cobrar o ingresso e cobrar caro, cada vez mais caro, com cadeiras em todos os setores do estádio. Tornar o futebol um esporte para a elite (...).*

**(Jornalista esportivo Juca Kfour)<sup>9</sup>**

Muitos defendem que o ingresso no Brasil

deve ser caro para atrair as elites aos estádios, aqueles que podem pagar pelos tais “R\$ 12 mil” e quando saem dos jogos podem torrar os cartões de crédito nas lojas do “shopping center que tem espaço para jogos de futebol”. Estes comemoram as recomendações da FIFA por (juntamente com os interesses capitalistas, e a FIFA também não deixa de ser uma entidade capitalista) proporcionarem um cenário ideal para esta mudança.

No entanto, o ideal para a Europa, seria o ideal para o Brasil? Teria o brasileiro, apreciador de futebol, condições de pagar R\$ 30,00 ou mais para ir ao estádio (desconsiderando outros gastos além do ingresso e que o pai de família pode levar sua família, por exemplo) com a frequência que o seu time joga em casa? Só os abastados passariam a dar vida aos estádios?

Com as recomendações da FIFA os estádios e os seus usuários ganham, mas também perdem. O estádio perde as festas das torcidas organizadas, já que o ingresso numerado e a obrigatoriedade de o torcedor assistir aos jogos sentado põem em cheque esta manifestação cultural. Já o torcedor perde em termos de liberdade de ir e vir, de ocupar espaços ociosos, inusitados, não planejados etc.

É preciso refletir sobre como este documento será utilizado no Brasil e garantir que as particularidades deste país sejam preservadas. Melhorar os estádios não é o que preocupa, mas sim o fato de que os menos favorecidos economicamente podem, neste novo cenário, estar sendo excluídos do espetáculo futebolístico. A aplicação destas mudanças, importantes para a melhoria da qualidade dos nossos estádios deve ser pensada de acordo com a realidade sócio-econômica do país, sem excluir, em hipótese alguma, os freqüentadores das folclóricas “gerais”.

#### NOTAS e FONTES:

1 - Documento elaborado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) em parceria com a UEFA (Union des Associations Européennes de Football) que já está na sua terceira edição.

2 - Como ficou conhecido o episódio em que no campeonato Inglês, num jogo entre *Nottingham Forest* e *Liverpool* no estádio *Sheffield Hillsborough*, mais de cem pessoas morreram e outras centenas ficaram feridas devido à superlotação do estádio, dentre outros motivos. Depois deste episódio foi publicado um documento conhecido como *Taylor Report*, em que ficava estabelecida uma série de diretrizes para sanar os problemas do futebol britânico.

3 - Em entrevista cedida ao site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net) publicada em 01/09/2006 às 00h 01 min. e consultada em 27/12/2006 às 20h 25 min.

4 - [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net), publicado em 01/09/2006 às 00h 01min e consultado em 27/12/2006 às 20h 43 min.

5 - Retirado de uma matéria intitulada “Arenas brasileiras não respeitam recomendações da Fifa” publicada no site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net) em 01/09/06 às 00h 01 min. e consultada em 27/12/2006 às 21h 30 min.

6 - Montante aplicado na construção do Estádio Olímpico João Havelange que sediará os Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro e poderá ser usado na Copa do Mundo, caso o Brasil seja realmente a sede em 2014.

7 - Publicado em 01/09/2006 às 00h 01 min. no site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net), na matéria intitulada: “Copa no Brasil?” e consultada em 27/12/2006 às 22h 46min.

8 - Declaração referente à alegação da diretoria do Atlético-PR de que o “clube não precisa mais de torcedores, e sim de apreciadores de espetáculo” consultada em CRUZ (2005, p. 108) e retirada de: Revista Placar, número 1270, maio de 2004, p.55.

9 - Publicado em 01/09/2006 às 00h 01 min. no site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net), na matéria intitulada: “Copa no Brasil?” e consultada em 27/12/2006 às 22h 46min.



Criado em 1995 pelo professor-tutor Leonardo Bittencourt, o PET Arquitetura iniciou suas atividades de pesquisa, ensino e extensão propondo aos alunos do curso novas experiências no universo da graduação.

No âmbito da pesquisa, o grupo desenvolve trabalhos em diversas áreas. A **Autonomia da Arte e da Arquitetura**, por exemplo, foi um dos temas que ganhou espaço para discussões entre os membros, bem como **Dilemas e Contradições na Produção de Edificações Verticais na Cidade de Maceió**.

Nas atividades de ensino, destaca-se o **Nivelamento** direcionado aos estudantes recém-ingressos no curso. Esta experiência estabelece os primeiros contatos com o curso através de visitas orientadas, disciplinas lecionadas pelos petianos, dinâmicas em grupos e seminários.

Como atividades de extensão, os bolsistas do grupo promovem eventos, como as Semanas de Arquitetura, oficinas, visitas orientadas e desenvolvem projetos arquitetônicos, como o Centro de Interesse Comunitário da UFAL.

Diante disto, torna-se visível a contribuição do PET Arquitetura para o curso de graduação, para os seus estudantes e para a formação intelectual dos participantes, que encontram no grupo espaço para o crescimento pessoal e desenvolvimento acadêmico.

**Membros atuais do PET/ARQ:**

Ana Márcia Viana da Costa  
Diógenes Batista Ângelo  
Jordana Teixeira da Silva  
Kamilla Mendonça de Lima  
Kamilla Moraes de Souza  
Lana Souza Costa Brandão  
Leônidas Silva Calheiros  
Manuella de Lima Ferreira  
Renata Camelo Lima  
Selene Maira Morales  
Thayse Wende Silveira Gomes  
Wevila Fontes Brandão Correia

[www.pet.ufal.br/petarq](http://www.pet.ufal.br/petarq)



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS

